

CINEMA

HOT DOGS
AT THE MET
DE KEN
JACOBS

Textos Francisco Ferreira

UNDER WORLD

U.S.A.

O Festival de Curtas de Vila do Conde chega à maioria e traz um mestre do cinema underground americano: Ken Jacobs

Fiel ao espírito avant-garde que o transformou num dos festivais da sua categoria mais importantes do mundo, o Curtas de Vila do Conde, que inaugura hoje (até dia 11) a edição dos seus 18 anos de vida, vai trazer a Portugal um programa retrospectivo da obra de Ken Jacobs, guru do underground nova-iorquino. Há muito para destacar na edição, mas não podemos deixar de começar pelo legado magnífico de Jacobs (estará cá este ano: há uma exposição na Galeria Solar, *masterclasses*, convívio, etc.). Jacobs, convém explicar para perceber porque é que há os gurus e 'os outros', não nasceu ontem. Vem do underground pré-Warhol, este octogenário que foi influência para Ginsberg, Kerouac, Rauschenberg. Contemporâneo de Jonas Mekas, contudo ainda mais experimentalista e radical, Jacobs é um 'elástico do celuloide', um dissecador de imagens — e o seu trabalho, grosso modo, consiste em manipular a tecnologia e dirigi-la para as origens da história do cinema. Por exemplo: em 1969, operou uma 'performance do sistema nervoso' (a expressão "Nervous System" aplicada ao cinema é da sua autoria) sobre um filme de Edison, de 1905, e o resultado deu filme seminal, "Tom, Tom, The Piper's Son".

Explicamos rapidamente como é que Jacobs, pioneiro do *found footage* e do cinema estruturalista, costuma trabalhar: reúne alguns fotogramas (por vezes não mais do que três de um plano), de preferência de 16 mm (trabalhou anos a fio com duas câmaras desse formato em simultâneo) e de filmes de que já ninguém se lembra — até porque, de resto, ele acredita que a cultura ocidental já produziu imagens em demasia. Com essas imagens primitivas (mas não só), procurando extrair delas o que há de mais belo ou aterrador, Jacobs manipula em seguida os fotogramas em *loops* temporais, em operações robóticas com inserções de intervalos a negro e um efeito de *throbbing light* desaconselhado a epiléticos, criando coreografias em *slow motion* e, mais importante do que isso, uma ilusão do 3D que revela detalhes espectrais, impossíveis de notar se a imagem passasse normalmente. Fique a saber que Jacobs trabalha o 3D (agora na moda), de forma artesanal, desde os anos 50. As suas experiências de cinema estereoscópico, no ano em que Vila do Conde homenageia a técnica quando esta ainda era analógica (passam "House of Wax", de Andre de Toth, e "Dial M for Murder", de Hitchcock), são experiências únicas. E, com o advento do digital, esta lenda de cineasta, um VJ (vídeo-jockey) *avant la lettre*, ainda potenciou mais a sua pesquisa: "Hot Dogs at the Met" é disso exemplo. Em Vila do Conde, o cinema é uma arte contemporânea — tal como sempre foi para Jacobs. Mas há mais. É que há um monumento, outro nome não tem: chama-se "Star Spangled to Death". Jacobs começou a filmá-lo em meados dos anos 50. É um descontrolado

épico, filme de uma vida, *work in progress* que ainda não parou. "Star Spangled to Death" está agora com 7h20 de duração. É uma imersão profunda na cultura e na história americanas. Um colosso de filme.

Haverá um foco no cinema dos irmãos Larrieu. Performances e *remixes*, aqui e ali. E as competições experimental, internacional e nacional. Da última, sublinhamos para já um título muito bonito, "Na Escola", de Jorge Cramez, a provar que um filme sobre a infância resulta (só resulta?) quando da infância se explora o segredo dos seus silêncios e todo um ambiente à volta que só pode ser da ordem do lírico e do fantasmagórico. Aos concursos (e aos prémios) voltaremos. **A**

(Mais informações em www.curtas.pt)

"LA TERRE DE LA FOLIE"



"EASTERN DRIFT"



"ANDY WARHOL'S FRANKENSTEIN"



"STAR SPANGLED TO DEATH"



QUATRO DESTAQUES À PARTE

Nesta seleção, escolhem-se alguns filmes que integram Vila do Conde. São filmes de cineastas que passaram 'da curta à longa' (o caso de Moulet), que já visitaram o festival (Sharunas Bartas) ou que se integram na homenagem ao 3D.

LA TERRE DE LA FOLIE

Um filme de Luc Moulet

Moulet vai para o terreno (os Alpes do Sul, na França profunda) e começa a investigar uma certa região francesa que, segundo ele, é particularmente dada a registar estranhos casos de loucura. É um falso documentário e uma comédia burlesca — e até é provável que o cineasta Moulet seja de todos a personagem mais louca.

EASTERN DRIFT

Um filme de Sharunas Bartas

O cineasta lituano Bartas, primeira surpresa, é ator-protagonista do seu próprio filme, um thriller. "Eastern Drift" acompanha o percurso de um mafioso ligado às máfias de Leste. Ele vê-se forçado a percorrer uma Europa negra, à deriva — e vai espalhando o sangue. Não se esperava de Bartas um *road movie* — mas foi o que ele fez, e impressiona.

ANDY WARHOL'S FRANKENSTEIN

Um filme de Paul Morrissey

As aventuras em 3D da dupla Warhol-Morrissey tiveram neste filme de terror de culto, realizado em 1973, o seu expoente máximo. Trata-se de uma versão libertina, louca e quase irreconhecível do clássico "Frankenstein", de Mary Shelley, foi rodado na Cinecittà e é uma homenagem aos filmes de série B italianos do género.

STAR SPANGLED TO DEATH

Um filme de Ken Jacobs

Este monumento, *work in progress* com 50 anos, começa com filmes dos anos 30, passa por cartoons do Mickey e pela contracultura e tem agora novas atualizações, com imagens da guerra do Iraque, num filme de utopias e meditações trágicas sobre a existência da América. É o *opus magnum* de Ken Jacobs.